

<b><u>OPERAÇÃO SANGUESSUGA</u></b>	Relator: Ministro Aroldo Cedraz
<b>OBJETO: AQUISIÇÃO DE UNIDADE MÓVEL DE SAÚDE</b>	

**TC 003.362/2013-2**

**Tipo:** Tomada de Contas Especial

**Unidade Jurisdicionada:** Prefeitura Municipal de Santana/AP

**Responsável:** Rosemiro Rocha Freires (CPF 030.327.952-49)

**Proposta:** Mérito (arquivamento)

## 1. Introdução

1.1. A presente Tomada de Contas Especial (TCE) é resultado da conversão de processo de Representação autuado no TCU a partir de Relatório de Fiscalização decorrente da Auditoria 4861, realizada em conjunto pelo Departamento Nacional de Auditoria do SUS (Denasus) e pela Controladoria Geral da União (CGU) na Prefeitura Municipal de Santana/AP com a finalidade de verificar a execução do Convênio 1629/2002 (Siafi 456206), celebrado com o Ministério da Saúde (MS), cujo objeto foi a aquisição de uma unidade móvel de saúde (UMS).

1.2. A auditoria originou-se da “Operação Sanguessuga”, deflagrada pela Polícia Federal para investigar fraudes em licitações e superfaturamentos nas aquisições de ambulâncias.

1.3. A autuação e a conversão da Representação em TCE foram autorizadas pelo Tribunal em Sessão de 21/11/2007 (subitens 9.4.1 e 9.4.2.1 do Acórdão 2.451/2007-TCU-Plenário).

1.4. Consta à peça 1, p. 4, sumário contendo relação dos principais documentos que compõem este processo, com vistas a facilitar a identificação das peças.

## 2. Processos Apensados

TC	Natureza	Descrição Sumária
Não há	-	-

## 3. Processos Conexos

TC	Natureza	Descrição Sumária
011.638/2006-8	Solicitação do Congresso Nacional	Solicita inspeção extraordinária nos contratos referentes à operação sanguessuga.

## 4. Processos de Interesse

TC	Natureza	Descrição Sumária
021.835/2006-0	Solicitação do Congresso Nacional	Solicitação da Comissão Parlamentar

		Mista de Inquérito (CPMI) no sentido de requisitar informações sobre as prestações de contas feitas pelos Municípios que realizaram a compra de ambulâncias nos exercícios financeiros de 2001 a 2005.
021.829/2006-3	Solicitação do Congresso Nacional	Solicitação da CPMI no sentido de requisitar informações sobre os procedimentos utilizados para fiscalização da aplicação de recursos repassados pela União a municípios e pessoas jurídicas de direito privado incluindo as OSCIP e ONG, com foco no escândalo da Operação Sanguessuga.

## 5. Histórico

5.1. Por meio da apuração efetivada pelos órgãos federais competentes, que culminou na chamada “Operação Sanguessuga”, levada a termo pela Polícia Federal, foram caracterizadas as responsabilidades e os crimes processados em esquema de fraude a licitações para compra de ambulâncias em diversos municípios do país. As conclusões constantes da Denúncia do Ministério Público Federal (MPF) e do Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) apontam que o grupo organizado para fraudar as licitações realizadas pelos convenentes do Ministério da Saúde era composto, na sua base, por empresas da família Vedoin. Os principais responsáveis identificados, tanto pela Polícia Federal, quanto pela CPMI das ambulâncias, foram o Sr. Darci José Vedoin e seu filho Luiz Antônio Trevisan Vedoin.

5.2. As investigações começaram em 2002, a partir da notícia de que um grupo de pessoas residentes no Estado do Mato Grosso desviava ilicitamente recursos do Fundo Nacional de Saúde por meio da manipulação de licitações realizadas em diversos municípios do Acre. Naquele mesmo ano, o Procurador da República Fernando José Piazenski encaminhou Representação a este Tribunal (TC 013.827/2002-1) acerca da Tomada de Preços 15/2002, realizada pelo município de Rio Branco/AC, alertando para o fato de que, provavelmente, a situação de superfaturamento indicada estaria acontecendo em diversas localidades.

5.3. Os levantamentos realizados pelo Ministério Público Federal e pela Secretaria da Receita Federal em 2002 evidenciaram diversas irregularidades na constituição e no funcionamento da empresa Santa Maria Comércio e Representações Ltda., vencedora da licitação em diversos municípios do Acre, pois indicaram que a empresa não funcionava em nenhum dos endereços anotados no contrato social, que fora constituída visando a emissão de notas fiscais frias e que possuía em seu quadro societário, à época, pessoas interpostas que não eram as verdadeiras beneficiárias dos rendimentos por ela produzidos.

5.4. Vieram a lume, então, as ligações existentes entre a empresa Santa Maria, a empresa Planam Comércio e Representações Ltda. e outras empresas “de fachada”, como a empresa Comercial Rodrigues Ltda. e a empresa Klass Comércio e Representações Ltda., todas de propriedade da família Vedoin-Trevisan e que passaram a ser conhecidas como empresas do Grupo Planam.

5.5 De acordo com o MPF, os proprietários desse Grupo contavam com o apoio de outras empresas, que participavam das supostas licitações para dar a aparência de regularidade às ações fraudulentas. Na verdade, apurou-se uma extensa e complexa lista de empresas que, de alguma forma, participavam das licitações. As principais empresas envolvidas no esquema liderado pela família Vedo in constam da tabela abaixo (fonte: Relatório da CPMI das ambulâncias):

1	Adilvan Comércio e Distribuição Ltda.
2	Adiron Comércio e Distribuição Ltda.
3	Amapá Comércio e Serviços Ltda.
4	Delta Construções e Veículos Especiais Ltda.
5	Enir Rodrigues de Jesus – EPP
6	Esteves & Anjos Ltda.
7	Francisco Canindé da Silva - ME
8	Frontal Indústria e Comércio de Móveis Hospitalares Ltda.
9	Ideal Automóveis Ltda.
10	KLASS Comércio & Representação Ltda.
11	Lealmaq Leal Máquinas Ltda.
12	Manoel Vilela de Medeiros – Medical Vilela
13	Medical Center Comércio de Equipamentos e Produtos Médico Hospitalares
14	MEDLAB - Comércio de Equipamentos Médico Hospitalares
15	Medpress Medicamentos e Serviços Ltda.
16	N. V. Rio comércio e Representações Ltda.
17	Nacional Comércio Material Hospitalares Ltda.
18	OXITEC HOSPITALAR Comércio de Materiais e Equipamentos Médicos Ltda.
19	Planam Comércio e Representação Ltda.
20	Romed Produtos Hospitalares Ltda.
21	Rotal Hospitalar Ltda.
22	Santa Maria Comércio e Representação Ltda.
23	Sinal Verde Turismo Ltda.
24	Suprema Rio Comércio de Equipamentos de Segurança e Representações Ltda.
25	Torino Comércio de veículos Ltda.
26	UNISAU - Comércio e Indústria Ltda.
27	Vedobus- Comércio e Indústria de Veículos Ltda.

28	Vedocar-Transformação de Veículos e Comércio de Equipamentos Médico Ltda.
29	Vedomed Comércio Medico Hospitalar Ltda.
30	Vedoplam Consultoria e Representação Comercial Ltda.
31	Vedovel Comércio e Representações Ltda.
32	Via Trading Comércio de Medicamentos Ltda.

5.6. Segundo consignado no Relatório da CPMI das ambulâncias, o esquema Planam se estendeu por mais de seiscentas prefeituras durante pelo menos oito anos. Registrou-se que os contratos e os acertos para o direcionamento das licitações eram comumente firmados nos gabinetes dos parlamentares envolvidos ou em seus escritórios de representação nos Estados, e contavam com a presença dos prefeitos, de parlamentares e de representantes das empresas do Grupo Planam.

5.7. A Controladoria Geral da União e o Departamento Nacional de Auditoria do SUS desencadearam operação conjunta de fiscalização dos convênios do Fundo Nacional de Saúde para aquisição de Unidades Móveis de Saúde, em decorrência da Operação Sanguessuga, que descobriu esquema de fraude e corrupção na execução de convênios celebrados pelo Ministério da Saúde.

5.8. Por meio do Acórdão 2.451/2007-TCU-Plenário, o Tribunal, entre outras providências, determinou ao Denasus e à CGU que encaminhassem os processos de fiscalização diretamente ao TCU, para serem autuados como representação. Nos casos em que houver indícios de superfaturamento, desvio de finalidade, desvio de recursos ou qualquer outra irregularidade que tenham causado prejuízo aos cofres da União, o TCU deverá convertê-los em Tomada de Contas Especiais.

## **6. Responsabilização**

### **6.1. Da Desconsideração da Personalidade Jurídica das Empresas Contratadas**

6.1.1. A desconsideração da personalidade jurídica não é novidade no âmbito desta Corte, havendo farta jurisprudência neste sentido (Acórdãos 83/2000, 145/2000, 516/2004, 33/2005, 873/2007, 791/2009 e Decisões 914/2000 e 497/2002, todos do Plenário). Nas hipóteses em que a fraude for de plano aferida, haverá a intenção preliminar de se pugnar pela desconsideração para também alcançar aqueles que efetivamente praticaram os atos lesivos.

6.1.2. Os casos relacionados à Operação Sanguessuga evidenciam claramente a utilização do anteparo protetor das pessoas jurídicas para a prática de atos fraudulentos e abusivos, no intuito de desviar recursos públicos. Segundo o art. 50 do atual Código Civil:

Em caso de abuso da personalidade jurídica, caracterizada pelo desvio de finalidade, ou pela confusão patrimonial, pode o juiz decidir, a requerimento da parte, ou do Ministério Público quando lhe couber intervir no processo, que os efeitos de certas e determinadas relações de obrigações sejam estendidos aos bens particulares dos administradores ou sócios da pessoa jurídica.

6.1.3. Diante das fraudes cometidas, os supostos empresários não poderiam passar imunes, imputando-se responsabilidade e sanções apenas às abstratas pessoas jurídicas, constituídas para acobertarem seus sócios.

6.1.4. A propósito, e considerando eventual controvérsia acerca do tema, cabe citar as considerações do Exmo. Ministro Castro Meira do STJ quando do julgado do recurso ordinário em sede de mandado de segurança (RMS 15.166-BA):

Firmado o entendimento de que a Recorrente foi constituída em nítida fraude à lei e com abuso de forma, resta a questão relativa à possibilidade de desconsideração da personalidade jurídica, na esfera administrativa, sem que exista um dispositivo legal específico a autorizar a adoção dessa teoria pela Administração Pública.

A atuação administrativa deve pautar-se pela observância dos princípios constitucionais, explícitos ou implícitos, deles não podendo afastar-se sob pena de nulidade do ato administrativo praticado. E esses princípios, quando em conflito, devem ser interpretados de maneira a extrair-se a maior eficácia, sem permitir-se a interpretação que sacrifique por completo qualquer deles. Se, por um lado, existe o dogma da legalidade, como garantia do administrado no controle da atuação administrativa, por outro, existem Princípios como o da Moralidade Administrativa, o da Supremacia do Interesse Público e o da Indisponibilidade dos Interesses Tutelados pelo Poder Público, que também precisam ser preservados pela Administração. Se qualquer deles estiver em conflito, exige-se do hermenêuta e do aplicador do direito a solução que melhor resultado traga à harmonia do sistema normativo.

A ausência de norma específica não pode impor à Administração um atuar em desconformidade com o Princípio da Moralidade Administrativa, muito menos exigir-lhe o sacrifício dos interesses públicos que estão sob sua guarda. Em obediência ao Princípio da Legalidade, não pode o aplicador do direito negar eficácia aos muitos princípios que devem modelar a atuação do Poder Público.

Assim, permitir-se que uma empresa constituída com desvio de finalidade, com abuso de forma e em nítida fraude à lei, venha a participar de processos licitatórios, abrindo-se a possibilidade de que a mesma tome parte em um contrato firmado com o Poder Público, afronta aos mais comezinhos princípios de direito administrativo, em especial, ao da Moralidade Administrativa e ao da Indisponibilidade dos Interesses Tutelados pelo Poder Público. A concepção moderna do Princípio da Legalidade não está a exigir, tão-somente, a literalidade formal, mas a inteligência do ordenamento jurídico enquanto sistema. Assim, como forma de conciliar o aparente conflito entre o dogma da legalidade e o Princípio da Moralidade Administrativa é de se conferir uma maior flexibilidade à teoria da desconsideração da personalidade jurídica, de modo a permitir o seu manejo pela Administração Pública, mesmo à margem de previsão normativa específica.

(...)

Ademais, como bem lançado no Parecer Ministerial acostado às fls. 173/179, o abuso de um instituto de direito não pode jamais ser tutelado pelo ordenamento jurídico. Seria uma grande incongruência admitir-se a validade jurídica de um ato praticado com fraude à lei, assim como seria desarrazoado permitir-se, com base no Princípio da Legalidade, como é o caso dos autos, a sobrevida de um ato praticado à margem da legalidade e com ofensa ao ordenamento jurídico. Não pode o direito, à guisa de proteção ao Princípio da Legalidade, atribuir validade a atos que ofendem a seus princípios e institutos.

6.1.5. No mesmo sentido se posiciona o STF, conforme se verifica do seguinte excerto do parecer do Ministério Público junto ao TCU (Acórdão 516/2004-TCU-Plenário):

O E. Supremo Tribunal Federal, como demonstra julgado de 1981, vem há algum tempo admitindo a aplicação da Teoria:

‘PROCESSO. - PUBLICAÇÃO DEFEITUOSA PARA INTIMAÇÃO DE CIÊNCIA DE DATA DE ATO PROCESSUAL. - INCUMBE AO RECORRENTE COMPROVÁ-LA, A FIM DE CUMPRIR O ÔNUS PROBATÓRIO DA SUA ALEGAÇÃO, COMO FUNDAMENTO DO RECURSO EXTRAORDINÁRIO. PERSONALIDADE JURÍDICA. - POSSÍVEL DESCONSIDERAR-SE A PERSONALIDADE DA PESSOA JURÍDICA SOB CONTROLE ABSOLUTO DE PESSOA FÍSICA, SE AMBAS EM CONLUÍO PARA FRAUDE A DIREITO DE TERCEIROS. - APLICAÇÃO DA TEORIA INGLESA E NORTE-AMERICANA DA ‘DISREGARD OF LEGAL ENTITY’, SURGIDA NO DIREITO

MERCANTIL MAS APLICÁVEL IGUALMENTE NO CIVIL, COMO NO TRIBUTÁRIO. CORREÇÃO MONETÁRIA. - E DE SER CONCEDIDA, SE FUNDADO O DÉBITO EM ATO ILÍCITO. RECURSO EXTRAORDINÁRIO QUE NAO SE CONHECE'. (RE-94066/RJ, JULGADO EM 01/12/1981, PRIMEIRA TURMA, PUBLICAÇÃO: DJ DE 02/04/1982, RELATOR: MINISTRO CLÓVIS RAMALHETE).’

6.1.6. Assim, arguidos a fraude, a intenção e a consumação do ilícito, o prejuízo de terceiros (que, no caso concreto, é toda uma coletividade, visto referir-se a má utilização de recursos de natureza pública) e a utilização da pessoa jurídica no intuito de fugir da incidência da lei, a personalidade jurídica pode ser ignorada para alcançar os seus sócios.

6.1.7. Uma vez que o objetivo primordial das tomadas de contas especiais é ressarcir os cofres públicos dos desvios ocorridos, a melhor linha de atuação do Tribunal é a de optar pela citação solidária da pessoa jurídica (empresa) com as pessoas físicas de seus sócios qualificados como administradores, opção que também encontra respaldo na jurisprudência desta Corte (Decisão 947/2000, Acórdão 976/2004 e Acórdão 873/2007, todos do Plenário).

6.1.8. Nessa acepção, nos processos com irregularidades graves e débitos quantificados, devem ser arrolados, com fundamento no art. 12, inciso I, da Lei 8.443/92, c/c art. 209, § 4º, inciso II, do RI/TCU, como responsáveis, em solidariedade com o agente público e as empresas contratadas, os seus sócios-administradores.

## **6.2. Empresas da Família Trevisan-Vedoin e seus Administradores de Fato**

6.2.1. Do exame das peças documentais constantes do TC 013.827/2002-1 (autuado a partir da representação formulada pelo Procurador da República Fernando José Piazenski), da Denúncia do Ministério Público Federal, do Relatório da CPMI das Ambulâncias, dos interrogatórios judiciais dos Srs. Darci e Luiz Antônio Vedoin realizados pela Justiça Federal de Mato Grosso e de pesquisas realizadas nos sistemas CNPJ e CPF da Receita Federal, verificou-se uma extensa relação de empresas participantes das fraudes. Diversas delas destinavam-se apenas a dar cobertura às licitações no intuito de conferir aspecto de concorrência e legalidade quando de fato isto não ocorria. Verificou-se ainda que algumas empresas não existiam de fato, sendo **meras empresas “fantasmas”**.

6.2.2. Desta complexa relação de empresas, quatro delas merecem destaque, pois eram gerenciadas pelos próprios integrantes da família Vedoin, a saber: Planam Indústria, Comércio e Representação Ltda. (CNPJ: 37.517.158/0001-43), Klass Comércio e Representação Ltda. (CNPJ: 02.332.985/0001-88), Santa Maria – Comércio e Representações Ltda. (CNPJ: 03.737.267/0001-54) e Enir Rodrigues de Jesus EPP – Comercial Rodrigues (CNPJ: 02.391.145/0001-96).

6.2.3. À exceção da Planam, restou comprovado que as demais empresas, muito embora sejam operadas pela família Vedoin, possuíam como sócios-administradores pessoas que simplesmente cediam seus nomes, ou seja, “laranjas”. Não perdendo de vista que o objeto primordial dos processos de TCE é ressarcir os cofres públicos dos desvios ocorridos, é necessário alcançar, além dos sócios “laranjas”, também os seus operadores de fato, potenciais beneficiários das fraudes. Tal objetivo encontra respaldo em dois princípios basilares do direito administrativo: o princípio da supremacia do interesse público sobre o interesse privado e o princípio da indisponibilidade do interesse público. Desses dois princípios derivam os princípios da oficialidade, o princípio da verdade material e o princípio do formalismo moderado que regem e norteiam os atos processuais praticados pela Corte de Contas.

6.2.4. Nesse sentido, comenta Paulo Antônio Fiuza Lima (FIUZA LIMA, PAULO ANTÔNIO). O processo no Tribunal de Contas da União – Comparações com o processo civil - independência e autonomia do órgão para o levantamento de provas em busca da verdade material. Disponível em: <<http://portal2.tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/769539.PDF>>. Acesso em: 19 ago.

2009):

Por tratar de direitos indisponíveis e, em decorrência do princípio da oficialidade, cabe ao Tribunal de Contas, por meio de seus ministros ou do colegiado, agir de ofício, não permitindo a paralisação do processo pela inércia das partes, promovendo todos os atos necessários ao seu prosseguimento. Já o princípio da verdade material delega ao tribunal administrativo a capacidade de produzir provas a seu critério, independentemente da vontade ou de pedido das partes, porém sempre aceitando a intervenção dos interessados com vista à contestação dos novos elementos obtidos. Estas novas informações trazidas aos autos visam a proporcionar ao relator os dados indispensáveis ao conhecimento dos detalhes do caso concreto em apreciação e ao consequente juízo pela apenação ou pela absolvição do responsável.

Considerando que a busca da verdade material coloca em plano secundário os aspectos formais vinculados à produção dos atos processuais, destacando o seu caráter material, impõe-se a submissão ao princípio do formalismo moderado, onde toda informação relevante que conduza à verdade material, e que possa atenuar ou agravar a responsabilidade da parte, mesmo que trazida intempestivamente, pode ser juntada aos autos para ser apreciada tendo em vista o correto encaminhamento do processo.

6.2.5. As evidências que indicam a utilização de pessoas interpostas, ou “laranjas”, encontram-se principalmente nos interrogatórios judiciais dos Srs. Darci Vedoim e Luiz Antônio Trevisan Vedoim realizados pela Justiça Federal de Mato Grosso, assim como na Denúncia do MPF. Tais evidências não podem deixar de ser consideradas nos processos de TCE. A utilização da prova emprestada já se encontra presente em diversos julgados deste Tribunal, que sempre admitiu a validade de tal procedimento. Com efeito, o princípio da verdade real faculta a utilização de quaisquer meios lícitos para se atingir o perfeito entendimento dos fatos. Como precedentes, podem ser mencionados o Acórdão 143/97-TCU-2ª Câmara, pronunciado no TC-400.098/95-4; a Decisão 87/1998-TCU-2ª Câmara, pronunciada no TC-600.080/97-8; e a Decisão Sigilosa 429/95-TCU-Plenário, exarada no TC-550.266/93-3.

6.2.6. Fontes de informação utilizadas:

a) **TC 013.827/2002-1**: autuado a partir da representação formulada pelo Procurador da República Fernando José Piazenski;

b) **Denúncia do Ministério Público Federal do Estado de Mato Grosso**: constante do TC 014.415/2004-0 (instaurado em razão de determinação constante do Acórdão 1.207/2004-TCU-Plenário), foi encaminhada a este Tribunal pelo MPF por meio do Ofício OF/PR/MT/1ºOFÍCIO CRIMINAL/195, de 23/06/2006, de forma a subsidiar os trabalhos do TCU. A peça pode ser consultada nos seguintes endereços eletrônicos:

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao\\_sanguessuga/denuncia\\_mpu.doc](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao_sanguessuga/denuncia_mpu.doc)

[http://www.senado.gov.br/sf/relatorios\\_SGM/cpi/Sanguessugas/Anexos/Denuncia\\_Ministerio\\_Publico/Denúncia%20Sanguessuga%20Versão%20Final.pdf](http://www.senado.gov.br/sf/relatorios_SGM/cpi/Sanguessugas/Anexos/Denuncia_Ministerio_Publico/Denúncia%20Sanguessuga%20Versão%20Final.pdf)

c) **Interrogatórios judiciais dos Srs. Darci José Vedoim e Luiz Antônio Trevisan Vedoim** realizados pela Justiça Federal do Estado de Mato Grosso: os interrogatórios judiciais foram encaminhados a este Tribunal pela Procuradoria da República em Mato Grosso, mediante Ofício OF/MT/4ºOF.CRIM./Nº264/2009, de 17/08/2009. Juntamente com a documentação foi encaminhada cópia do despacho do Juízo da 2ª Vara da Seção Judiciária do Estado de Mato Grosso autorizando o compartilhamento do material. Ressalte-se que, embora os processos criminais (2006.36.00.007573-6 e 2006.36.00.007594-5) contra os responsáveis estejam protegidos por segredo de justiça, as peças referentes aos citados interrogatórios tiveram afastados os segredos de justiça, conforme se observa nas consultas processuais realizadas no sítio da Justiça Federal de Mato Grosso, disponíveis no portal do TCU, nos seguintes endereços:

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao\\_sanguessuga/7573\\_6.pdf](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao_sanguessuga/7573_6.pdf)

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao\\_sanguessuga/7594\\_5.pdf](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao_sanguessuga/7594_5.pdf)

Os autos dos interrogatórios judiciais dos Srs. Darci José Vedoin e Luiz Antônio Trevisan Vedoin, citados nesta instrução, podem ser consultados pelos interessados no portal do TCU, nos seguintes endereços eletrônicos:

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao\\_sanguessuga/interrogatorio\\_judicial\\_darci.pdf](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao_sanguessuga/interrogatorio_judicial_darci.pdf) (interrogatório do Sr. Darci em 20/07/2006)

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao\\_sanguessuga/interrogatorio\\_judicial\\_darci\\_continuacao.pdf](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao_sanguessuga/interrogatorio_judicial_darci_continuacao.pdf) (interrogatório do Sr. Darci em 25/07/2006)

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao\\_sanguessuga/interrogatorio\\_judicial\\_luiz.pdf](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao_sanguessuga/interrogatorio_judicial_luiz.pdf) (interrogatório do Sr. Luiz Antônio em 03/07/2006)

Estes documentos encontram-se disponíveis também no sítio eletrônico do Senado Federal, no seguinte endereço:

<http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Comissoes/CPI/RelatorioFinalSanguessugas.asp>

d) **Relatório Final da CPI das ambulâncias:** disponível no sítio eletrônico do Senado Federal, no seguinte endereço:

<http://www.senado.gov.br/atividade/Comissoes/CPI/RelatorioFinalAmbulancias.asp>

SANTA MARIA – Comércio e Representações Ltda. (CNPJ: 03.737.267/0001-54)

6.2.7. Conforme apuração efetuada pelo Ministério Público Federal e de acordo com os relatórios de fiscalização encaminhados ao TCU pelo Denasus/CGU, essa empresa se mostrou bastante atuante nos negócios realizados pela família Trevisan-Vedoin, consagrando-se vencedora da maior parte das licitações supostamente realizadas. Nos autos do TC 013.827/2002-1, há diversos indícios de que a empresa Santa Maria Comércio e Representação Ltda. não existia de fato, sendo apenas uma empresa “fantasma”. A tabela abaixo aponta os sócios da empresa desde a sua criação:

CPF	Nome do Sócio	QUALIFICACAO	Inclusão	Exclusão
890.050.741-91	Maria Loedir de Jesus Lara	sócio-gerente	3/4/2000	30/1/2003
405.845.261-72	Wedersander de Paiva	sócio-administrador	30/1/2003	6/8/2004
594.563.531-68	Luiz Antônio Trevisan Vedoin	sócio-administrador	6/8/2004	
616.275.691-20	Jony da Silva Reis	sócio	30/1/2003	6/8/2004
531.391.191-00	Alessandra Trevisan Vedoin	sócio	6/8/2004	
693.041.901-00	Rita de Cássia Rodrigues de	sócio	3/4/2000	30/1/2003

	Jesus			
--	-------	--	--	--

6.2.8. A empresa iniciou seus trabalhos tendo como sócia-administradora a Sra. Maria Loedir de Jesus Lara, que, de acordo com o Ministério Público, é um “laranja” (fls. 115, 129 e 130 da Denúncia). A Sra. Maria Loedir é filha da Sra. Enir Rodrigues de Jesus (proprietária da empresa Enir Rodrigues de Jesus EPP), que, por sua vez, trabalhou por 18 (dezoito) anos como empregada doméstica na casa dos pais do Sr. Luiz Antônio Trevisan Vedoin (Darcy José Vedoin e Cléia Maria Trevisan Vedoin), conforme interrogatório prestado pelo Sr. Darci à Justiça Federal em 25/7/2006 (fl. 6 do interrogatório judicial).

6.2.9. De acordo com o MPF, a Sra. Maria Loedir de Jesus Lara limitou-se à assinatura de atos societários e procurações, conferindo amplos poderes para Luiz Antônio Trevisan Vedoin administrar essa empresa (Volume principal do TC 013.827/2002-1, fls. 99 e 141), fato confirmado pelo Sr. Darci em seu interrogatório (fl. 6 do interrogatório judicial).

6.2.10. No que diz respeito à responsabilidade de Maria Loedir de Jesus Lara pelos atos de gestão praticados à frente de empresas operadoras do esquema de fraude conhecido como “Máfia das Ambulâncias”, há que se considerar os argumentos de defesa apresentados em seu nome pela Defensoria Pública da União, em diversos processos em curso neste Tribunal que tratam de apurar irregularidades verificadas na aquisição de unidades móveis de saúde com recursos federais descentralizados pelo Ministério da Saúde e fiscalizados no âmbito da “Operação Sanguessuga”, a exemplo do que ocorre neste processo.

6.2.11. Este Tribunal manifestou seu entendimento com relação à questão ao proferir o Acórdão 3015/2011-2ª Câmara, nos autos da TCE 020.322/2009-5, resultante da conversão de processo de Representação autuado no TCU a partir de Relatório de Fiscalização realizada em conjunto pelo Denasus e pela CGU e deflagrada no âmbito da “Operação Sanguessuga”. A referida fiscalização verificou irregularidades na execução de convênio celebrado com o Ministério da Saúde destinado à aquisição de unidade móvel de saúde, dentre as quais se destaca, à semelhança do presente processo, a constatação de superfaturamento no fornecimento do objeto a ser imputado solidariamente ao prefeito e aos sócios administradores das empresas fornecedoras. Naqueles autos, entendeu o TCU que não é razoável imputar à sócia Maria Loedir a responsabilidade pela referida fraude diante das seguintes constatações:

- a) a responsável não praticou, à frente da mencionada empresa, os atos de gestão que caracterizaram o cometimento da fraude, bem como desconhecia o verdadeiro teor dos documentos por ela assinados;
- b) encontrava-se em condições desfavoráveis com relação à família Vedoin, não somente pelos laços de confiança estabelecidos com os patrões, visto que trabalhou longo período como empregada doméstica com a família (sete anos), mas também em razão de seu baixo grau de instrução e de sua situação econômica adversa;
- c) não há evidências de que tenha auferido qualquer benefício das transações que resultaram na fraude.

6.2.12. No voto que acompanha o referido acórdão, o Ex.mo Sr. Ministro-Relator manifestou-se da seguinte forma, fazendo referência também à Sra. Enir, mãe da Maria Loedir, quem da mesma maneira foi utilizada como “laranja” pelo Grupo Vedoin:

21. Quanto à responsabilização das Sras Maria Loedir de Jesus Lara e Enir Rodrigues de Jesus, concordo que os elementos de defesa trazidos de forma elucidativa pelo Defensor Público Federal, em representação dessas defendentes, acolhidos, no essencial, pela unidade técnica e Ministério Público junto a este Tribunal, de fato, afastam a responsabilidade destas pelos atos irregulares apurados neste processo.

22. Como pode ser observado na instrução transcrita no relatório precedente, cujos principais excertos, por esclarecedores, foram reproduzidos em itens deste Voto, os elementos trazidos na defesa das Sras Maria Leodir e Enir lançam luz sobre a utilização de pessoas de boa-fé, em condição de vulnerabilidade ante o agente de má-fé. Normalmente, são pessoas pobres, com pouca instrução e com quem mantinham laços de amizade ou que para eles trabalhavam, visando à realização de negociações ilícitas sem expor sua identidade, tornando, ainda, sem efetividade as ações porventura movidas pelos órgãos de controle ou pela justiça, para a recuperação do dano.

23. Ainda pior se for considerado que essas pessoas que muitas vezes, embora não disponham de bens materiais, detêm a riqueza maior de ter sua conduta ilibada, veem esse bem subtraído ao responder por ações criminosas das quais nem sequer têm consciência da existência ou da ilicitude dos fatos.

24. Evidentemente que tal situação deve ser analisada em cada caso concreto, pois é sabido que há aqueles que se submetem a tais práticas conscientes, pois emprestam nome, número dos documentos pessoais, conta bancária, para outro indivíduo, recebendo em contrapartida pagamento ou outros favores. Devo lembrar que, nestes casos, devem responder pelos mesmos ilícitos praticados.

25. Esclareço que o afastamento da responsabilidade dessas defendentes se dá em razão dos fundamentos que apresentei nos itens precedentes e não em razão do julgamento pela improcedência da denúncia na esfera judicial com fundamento no art. 386, inciso IV, do Código Penal (ausência de provas). O entendimento no âmbito penal não impede a ação deste Tribunal. Conforme previsto nos artigos 935 do Código Civil, apenas quando ocorrer absolvição criminal que negue a existência do fato ou sua autoria deverão ser afastadas as responsabilidades civil e administrativa. Nesse sentido, o TCU tem entendido que sua atuação não é obstada por decisão transitada em julgado na esfera penal, a qual só teria repercussão na instância administrativa ou civil quando há manifestação pela inexistência material do fato ou pela negativa de sua autoria.

6.2.13. Podem ser aproveitadas, na análise do caso, as considerações do Ministério Público junto a este Tribunal nos autos que originaram o Acórdão 921/2008-TCU-Plenário, no qual a douta Procuradoria se manifesta quanto à responsabilidade de sócio-gerente tido como “laranja” em caso de conluio em licitação. Na oportunidade, a Procuradoria considerou que o responsável não participou pessoalmente do Convite, mas por meio de procurador, e que seria pessoa semi-alfabetizada, caseiro do declarante e incapaz de aquilatar com segurança seu envolvimento na instalação e no funcionamento da empresa. Considerando também as provas de conluio existentes nos autos acerca dos procedimentos referentes ao Convite, situação em que o dolo na conduta do procurador extrapolaria os limites dos poderes outorgados pelo mandante, entendeu prejudicado o pressuposto de desenvolvimento válido e regular da matéria relativamente à imputação de responsabilidade ao sócio-gerente especificamente para o caso concreto daqueles autos (TC 011.453/2004-7).

6.2.14. Dessa forma, a Sra. Maria Loedir de Jesus Lara não deve ser responsabilizada pelos débitos decorrentes de gestão da referida empresa.

6.2.15. O Sr. Wedersander de Paiva também se prestou a agir como intermediário. Consta da Denúncia do Ministério Público que ele era um antigo “laranja” “que figurou como sócio da empresa SANTA MARIA (...)” (fl. 272 da Denúncia).

6.2.16. Observa-se, portanto, que deve ser chamado solidariamente a responder pelos débitos da empresa Santa Maria também o seu operador, o Sr. Luiz Antônio Trevisan Vedoim, inclusive durante os períodos nos quais os responsáveis Maria Loedir e Wedersander estiveram como sócios-administradores, no período compreendido entre as datas constantes da tabela a seguir:

CPF	Nome do Sócio	QUALIFICACAO	Início	Fim
-----	---------------	--------------	--------	-----

405.845.261-72	Wedersander de Paiva	sócio-administrador	30/1/2003	6/8/2004
594.563.531-68	Luiz Antônio Trevisan Vedoin	administrador de fato e procurador	3/4/2000	6/8/2004
594.563.531-68	Luiz Antônio Trevisan Vedoin	sócio-administrador	6/8/2004	-----

6.3. Responsáveis

6.3.1. Do conveniente:

<b>NOME</b>	Rosemiro Rocha Freires
<b>CPF</b>	030.327.952-49
<b>CARGO</b>	Prefeito
<b>GESTÃO</b>	1º/1/2001 a 31/12/2004

6.3.2. Empresas contratadas:

<b>NOME</b>	Santa Maria Comércio e Representação Ltda.			
<b>CNPJ</b>	03.737.267/0001-54			
<b>SITUAÇÃO CADASTRAL</b>	ATIVA			
<b>RESPONSÁVEIS</b>				
<b>NOME</b>	<b>CPF</b>	<b>QUALIFICAÇÃO</b>	<b>PERÍODO DE GESTÃO</b>	
Luiz Antônio Trevisan Vedoin	594.563.531-68	Administrador de Fato	3/4/2000	6/8/2004

7. **Convênio**

<b>Siafi:</b> 456206	<b>N.º original FNS:</b> 1629/2002	<b>Município:</b> Santana	<b>UF:</b> AP
<b>Data da celebração:</b> 5/7/2002		<b>Data da publicação:</b> 17/7/2002	
<b>Início da vigência:</b> 5/7/2002		<b>Fim da vigência:</b> 19/10/2003	
<b>Valor pactuado concedente:</b> R\$ 88.000,00		<b>Valor pactuado conveniente:</b> R\$ 8.800,00	
<b>% Pactuado concedente:</b> 90,91		<b>% Pactuado conveniente:</b> 9,09	

<b>Contrapartida extra:</b> R\$ 0,00	<b>Resultado da aplicação financeira:</b> R\$ 0,00	<b>Valor Disponível do Convênio:</b> R\$ 96.800,00
-----------------------------------------	-------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------

### 8. Liberação dos Recursos

Ordens bancárias – OB	Data da OB	Data de depósito na conta específica	Valor (R\$)
<b>2002OB408945</b> (peça 3, p. 12)	23/12/2002	<b>26/12/2002</b> (peça 4, p. 27)	88.000,00

### 9. Processos Licitatórios Realizados

Modalidade	N.º	Data do Edital	Objeto
Tomada de Preços	28	8/8/2002	Veículo tipo Van, zero Km, ano/modelo 2002, adaptado para atendimento médico, conforme descrito no quadro do item 3.2.3, do Relatório Denasus/CGU (peça 1, p. 11).

### 10. Superfaturamento

10.1. O débito apontado a seguir é oriundo do indício do superfaturamento verificado na aquisição da unidade móvel de saúde identificada abaixo:

#### 10.2. Unidade Adquirida

<b>Tipo UMS:</b> Tipo B	<b>Código Sefaz:</b>		<b>Código Fipe:</b> 506004-4
<b>Veículo “0” Km:</b> SIM	<b>Renavam:</b> 873164822		<b>Modelo:</b> Daily Furgão 35.10
<b>Marca:</b> Iveco	<b>Placa:</b> NFA8089		<b>Chassi:</b> 93ZC3570128306901
<b>Ano de aquisição:</b> 2002	<b>Ano de Fabricação:</b> 2002	<b>Ano Modelo:</b> 2002	<b>Tipo de Transformação:</b> 2

#### I.1. Cálculo do superfaturamento:

VALORES REFERENCIAIS (R\$)		VALORES EXECUTADOS (R\$)		DÉBITOS (R\$)
<b>Valor Mercado Veículo</b>	61.961,90	<b>Valor Pago pelo Veículo,</b>	96.800,00	9.011,53

<b>Valor Mercado Transformação</b>	24.550,49	87.788,47	<b>Transformação e Equipamentos</b>		
<b>Valor Mercado Equipamentos</b>	1.276,08				
<b>Total do débito</b>					9.011,53
<b>Prejuízo à União (90,91%)</b>	8.192,30		<b>Prejuízo à Conveniente (9,09%)</b>	819,23	

## I.2. Quantificação do débito por fornecedor:

	<b>Fornecedor</b>	<b>CNPJ</b>	<b>DÉBITO PARA COM A UNIÃO</b>	<b>DÉBITO PARA COM O CONVENIENTE</b>	<b>DATA (peça 4, p. 28)</b>
<b>Aquisição do veículo, Transformação e aquisição de equipamentos</b>	Santa Maria Comércio e Representação Ltda.	03.737.267/0001-54	R\$ 8.192,30	R\$ 819,23	7/1/2003

10.1. A equipe do Denasus/CGU apurou um débito em decorrência de superfaturamento na aquisição da mencionadas UMS da ordem de R\$ 16.384,39 (peça 1, p. 20, item 3.6).

10.2. No entanto, a metodologia para cálculo dos valores referenciais e do superfaturamento nas aquisições de UMS foi revista e homologada de forma definitiva por este Tribunal, uma vez constatadas inconsistências no modelo até então adotado.

10.3. Com os novos ajustes, a metodologia se consolidou e foi disponibilizada para consulta dos responsáveis e dos interessados no portal do TCU, no seguinte endereço eletrônico:

[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao\\_sanguessuga/metodologia\\_calculo\\_superfaturamento.doc](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/tce/operacao_sanguessuga/metodologia_calculo_superfaturamento.doc)

10.4. Assim, considerando a metodologia aplicada, verifica-se a ocorrência de superfaturamento no valor de R\$ 9.011,53 no preço de aquisição da referida UMS pela Prefeitura Municipal de Santana/AP, dos quais R\$ 8.129,30 referem-se à parte dos recursos federais repassados. A atualização monetária desse valor até a data de 4/3/2013 encontra-se abaixo do valor de R\$ 75.000,00, limite estabelecimento pela Instrução Normativa – TCU 71/2012 para fins de arquivamento de TCE sem julgamento do mérito, o que enseja a aplicação, em consonância com o princípio constitucional da economicidade, da norma constante do art. 93 da Lei 8.443/1992, que dispõe que a título de racionalização administrativa e economia processual, e com o objetivo de evitar que o custo da cobrança seja superior ao valor do ressarcimento, o Tribunal poderá determinar, desde logo, o arquivamento do processo, sem cancelamento do débito, a cujo pagamento continuará obrigado o devedor, para que lhe possa ser dada quitação.

## 11. Outras considerações sobre a execução do Convênio 1629/2002

11.1 Conforme prestação de contas apresentada pelo então prefeito, a UMS adquirida no âmbito do convênio em estudo foi a de chassi 93ZC3570128306521 (peça 3, p. 29 e 30), fornecida por meio das Notas Fiscais 454 e 455, de 18/9/2002 (peça 6, p. 5 e 6), expedidas pela empresa Santa

Maria Comércio e Representação Ltda. Todavia, as aludidas notas fiscais indicam o Convênio 1621/2002 como a fonte dos recursos.

11.2. O relatório de fiscalização do Denasus/CGU noticiou que o município de Santana/AP foi beneficiado com treze unidades móveis, por meio de oito convênios (somente em 2002, foram assinados seis convênios), conforme consta à peça 1, p. 23, e que a equipe de fiscalização encontrou dificuldades para conciliar os papéis arquivados (processos) com os veículos, haja vista que inúmeros documentos estavam trocados, ou seja, documentos de veículo adquirido por meio do convênio "X" estavam arquivados como sendo referente ao convênio "Y", fato ocorrido em vários ajustes (peça 1, p. 22).

11.3. Não obstante o mencionado, a fiscalização do Denasus/CGU identificou, a partir de informações prestadas pela Secretaria de Saúde à Controladoria Geral da União, a UMS de chassi 93ZC3570128306901 como sendo a decorrente do ajuste em exame, de acordo com o subitem 3.7.1, do Relatório de Auditoria 4861 (peça 1, p. 20).

11.4. Em consulta realizada aos autos do TC 008.352/2010-0, que trata de Tomada de Contas Especial instaurada no âmbito da Operação Sanguessuga, relativamente ao Convênio 1621/2002 (Siafi 456205), também celebrado entre a Prefeitura Municipal de Santana/AP e o Ministério da Saúde para a aquisição de UMS, confirmou-se que a unidade móvel de chassi 93ZC3570128306901 foi a adquirida mediante o ajuste em exame nestes autos (Convênio 1629/2002).

11.5. Verificou-se, também nos autos do TC 008.352/2010-2, a existência das Notas Fiscais 448 e 449, de 18/9/2002, expedidas pela empresa Santa Maria Comércio e Representação Ltda., identificando o chassi 931C3570128306901, na descrição do bem fornecido. Análise consubstanciada na instrução à peça 18 daquele processo (juntada aos presentes autos como peça 14) concluiu que houve troca das notas fiscais incluídas nas prestações de contas dos Convênios 1621/2002 e 1629/2002, encaminhadas ao FNS. As Notas Fiscais 454 e 455 seriam atinentes ao Convênio 1621/2002 e as Notas Fiscais 448 e 449 ao Convênio 1629/2002.

11.6. Dessa forma, cópias desses dois últimos documentos fiscais (NF 448 e 449) foram juntadas a presente TCE (peça 15), como documentos comprobatórios da despesa em análise.

11.7. Os extratos bancários da conta específica do Convênio 1629/2002 (Banco do Brasil, Agência 261-5, c/c 42018-2) demonstram a utilização, em 7/1/2003, dos recursos federais transferidos, mediante o cheque 850.001 (peça 4, p. 28). A equipe do Denasus/CGU afirmou que o beneficiário do cheque foi a Santa Maria Ltda. (peça 1, p. 17, item 3.3.3, quadro XIII) e que a UMS de chassi 931C3570128306901 foi adquirida com os recursos do Convênio 1629/2002 (peça 1, p.23).

11.8. O valor de R\$ 286,85, decorrente da aplicação dos recursos federais no mercado financeiro no período de 30/12/2002 a 7/1/2003 (peça 4, p. 27-36; e peça 5, p.1), foi devolvido ao Fundo Nacional de Saúde em 16/2/2006 (peça 7, p. 29).

11.9. Dessa forma, entende-se comprovada a aplicação dos recursos federais transferidos no objeto do Convênio 1629/2002.

11.10. Quanto à contrapartida, o gestor não efetuou o pagamento e a empresa bloqueou o documento necessário para emissão do Certificado de Registro e Licenciamento do Veículo. O Município de Santana entrou com Ação de Consignação em Pagamento contra a empresa fornecedora, em 20/6/2005, alegando que esta não tomou providências a fim de receber o valor e dar quitação ao débito (peça 6, p. 16-21). Segundo consta, para seis unidades móveis de saúde (Convênios 1621, 2191 e 1629/2002), existia um saldo nas contas 12.268-8, referente ao Convênio 2191/2002, e 12.167-3, referente ao Convênio 1621/2002, no valor total, com rendimentos, de R\$ 43.867,67, o qual foi colocado à disposição da requerida, desde que, por meio de representante

habilitado, procedesse ao recebimento do valor, dando-lhe total quitação e fornecendo os Certificados de Registros dos Veículos (CRLV) das unidades móveis adquiridas. Contudo, a empresa Santa Maria apontou como devido o valor de R\$ 49.600,00, mas o município entendeu que este valor não era correto, posto que originário de atualização do débito pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), índice não previsto nas cláusulas contratuais.

11.11. Documento da Coordenadoria de Convênios da Prefeitura de Santana à Secretaria de Fazenda daquele Município, de 25/1/2006 (peça 7, p. 30), consigna que o montante devido à empresa Santa Maria Ltda. era de R\$ 49.600,00, relativo à contrapartida dos três convênios, do qual restou ainda saldo a pagar, a ser liquidado na conta específica do Convênio 1629/2002 (Banco do Brasil, Agência 261-5, c/c 42018-2), no valor de R\$ 5.732,33, que estava sendo negociado pelo município, pela via judicial, em troca dos CVRL dos veículos (peça 16, extraída da peça 11, p. 36, do TC 008.352/2010-0).

11.12. Em 23/2/2006, o ex-prefeito municipal, Sr. Rosemiro Rocha, encaminhou à Divisão de Convênios e Gestão do Núcleo Estadual do Amapá, correspondência informando que o valor referente à contrapartida municipal havia sido pago à empresa e que a transferência de titularidade do veículo estava sendo processada (peça 7, p. 11-13).

11.13. Entretanto, não restaram comprovados o efetivo pagamento da contrapartida, consoante subitem 3.7.1 do Relatório do Denasus/CGU (peça 1, p. 21), nem a transferência de propriedade do veículo da Santa Maria Ltda. para a prefeitura, conforme apontou a consulta efetuada, em 16/3/2013, ao Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), peça 17.

11.14. É importante trazer à baila manifestação do Ministério Público no TC 020.400/2009-3 (Acórdão 3.348/2011-TCU-2ª Câmara), no sentido de que, no Direito Civil pátrio, a transferência do bem móvel se dá pela mera entrega da coisa (tradição). Nesse sentido, o art. 1.226 do Código Civil fixa: “Os direitos reais sobre coisas móveis, quando constituídos, ou transmitidos por atos entre vivos, só se adquirem com a tradição”.

11.15. Na ocasião, o douto MP mencionou a ementa do REsp 162410/MS (Relator: Ministro Adhemar Maciel, DJ de 17/8/1998, p. 58) e entendimento mais recente exarado no julgamento do STJ (REsp 599620/MS, Relator: Ministro Luiz Fux, DJ de 17/5/2004, p. 153) de que “... ‘o fato de não ter sido realizada a transferência de propriedade do automóvel autuado junto ao DETRAN não obsta que a prova da alienação se faça por outros meios’”.

11.16. Dessa forma, considerando que restou demonstrada a aplicação dos recursos federais no objeto conveniado, e, ainda, que a UMS adquirida (chassi 93ZC3570128306901) foi vistoriada pela equipe do Denasus/CGU (peça 1, p. 20), e, portanto, encontrava-se na posse da prefeitura, considera-se suficiente comunicar ao Tribunal de Contas do Estado do Amapá para que adote as providências que entender cabíveis, quanto às ocorrências atinentes à não comprovação da aplicação da contrapartida pactuada para o Convênio 1629/2002 e à ausência de transferência de propriedade da UMS (chassi 93ZC3570128306901) da empresa fornecedora para a prefeitura Municipal de Santana/AP. Aquele Tribunal de Contas deve ser comunicado também do estado precário em que se encontrava a UMS após um ano de sua aquisição, conforme registrado à peça 1, p. 21 (item 3.7.2).

11.17. A equipe do Denasus/CGU apontou, ainda, outras ocorrências na execução do Convênio 1629/2002, cabendo destacar as seguintes (Relatório de Fiscalização à peça 1, p. 5-31): ausência de pesquisa de preços (item 3.2.2, peça 1, p. 10); edital em desacordo com o plano de trabalho e com o objeto licitado (item 3.2.3, p. 12); não comprovação de publicação do edital da Tomada de Preços 28/2002 (item 3.2.3, p. 12); ausência no processo licitatório da minuta do edital, do contrato e do parecer do setor jurídico (item 3.2.3, peça 1, p. 12); ausência de comprovação da retirada do edital por parte das empresas (item 3.2.4, peça 1, p. 12); ausência no processo licitatório da manifestação

da comissão de licitação quanto a questionamento efetuado por empresa licitante (item 3.2.4, peça 1, p. 12-13); falta de rubricas dos representantes das empresas nas atas da licitação (item 3.2.5, peça 1, p. 13); propostas das empresas licitantes divergentes do edital (item 3.2.6, peça 1, p. 15); contrapartida empenhada após a vigência do convênio (item 3.3.1, peça 1, p. 16); veículo sucateado (item 3.7.1, peça 1, p. 20).

11.18. Quanto ao acima exposto, registra-se, de início, que também foram identificadas em grande parte dos relatórios de auditoria encaminhados a este Tribunal no âmbito da Operação Sanguessuga as seguintes ocorrências:

- a) falhas, irregularidades e fragilidades, relacionadas à atuação irregular do órgão concedente (FNS/MS), que permitiram a ocorrência sistemática de fraudes nos convênios para aquisição UMS;
- b) indícios consistentes de conluio entre empresas licitantes;
- c) má conservação, ausência de equipamentos ou não utilização das UMS adquiridas com recursos federais;

11.19. As ocorrências descritas no item “a” foram analisadas no âmbito do processo 018.701/2004-9, que trata do Relatório de Levantamento de Auditoria no Fundo Nacional de Saúde (FNS), realizado pela então 4ª Secretaria de Controle Externo em cumprimento à determinação contida no Acórdão 1.207/2004-TCU-Plenário, com o objetivo de verificar os critérios adotados na celebração de convênios para aquisição de Unidades Móveis de Saúde (UMS) e os critérios para análise das respectivas prestações de contas. O Plenário deste Tribunal, por meio do Acórdão 1.147/2011, prolatado em 4/5/2011, ao julgar o citado processo, proferiu determinações e recomendações ao Ministério da Saúde como objetivo de prevenir as citadas ocorrências e de aprimorar a gestão de convênios federais no âmbito daquela pasta ministerial e ainda aplicou aos gestores responsabilizados naqueles autos a multa prevista no art. 58, inciso II, da Lei 8.443/1992.

11.20. Com relação ao item “b” (“indícios consistentes de conluio entre empresas licitantes”), atendendo determinação inserta no subitem 9.10 do Acórdão 1.147/2011-TCU-Plenário, A então 4ª Secretaria de Controle Externo constituiu apartado (processo 015.452/2011-5) visando a apurar a responsabilidade das empresas envolvidas nas fraudes às licitações verificadas no âmbito da "Operação Sanguessuga" e nas fiscalizações realizadas por este Tribunal e pela Controladoria-Geral da União, para os fins previstos nos arts. 8º e 46 da Lei 8.443/1992.

11.21. Com relação ao item “c”, deve ser ressaltado que bons níveis de conservação das UMS e sua efetiva utilização devem ser mantidos, ainda que não constem dos termos de convênios cláusulas específicas nesse sentido, uma vez que a administração pública deve reger-se, entre outros, pelos princípios da finalidade, impessoalidade e eficiência. Ademais, ao apresentar seu plano de trabalho ao Ministério da Saúde, o conveniente justifica seu pleito pela necessidade de prestar serviços de remoção de pacientes; portanto, é de se esperar que a UMS seja de fato necessária e deva ser mantida em funcionamento e em estado de conservação que lhe permita atingir sua finalidade junto à população local. Apesar disso, no caso dessa irregularidade, a ausência de norma específica que defina com critérios objetivos o período mínimo de utilização dos veículos na finalidade para a qual foram adquiridos dificulta a responsabilização dos agentes responsáveis, especialmente no caso dos sucessores.

11.22. Ainda, há irregularidades entre as mencionadas no item 11.17 que podem ser consideradas como de menor relevância dentro do contexto geral do baixo débito apurado e, considerando o lapso temporal já decorrido desde as suas respectivas ocorrências, aliado à mudança do titular do cargo de prefeito, torna-se desnecessária a proposta de determinações corretivas.

## 12. Conclusão

12.1. Embora tenha sido verificado a não aplicação da contrapartida municipal, o fato não caracteriza débito para com a União, uma vez que se trata de relação entre a Prefeitura Municipal de Santana e a empresa fornecedora do bem, tendo em vista que houve a entrega da UMS adquirida.

12.2. Restou, então, configurado débito para com a União em decorrência de superfaturamento, no valor de R\$ 8.129,30, que, atualizado até 4/3/2013, encontra-se abaixo do limite estabelecido pela Instrução Normativa – TCU 71/2012, conforme registrado no item 10.4 acima, razão pela qual se pugna pelo arquivamento do presente processo nos termos do art. 213 do Regimento Interno - TCU.

### **13. Proposta de Encaminhamento**

13.1. Ante o exposto, submetem-se os autos à consideração superior, propondo o encaminhamento dos autos ao Gabinete do relator sorteado em face da Questão de Ordem aprovada na Sessão Plenária de 20/5/2009, Exmo. Senhor Ministro Aroldo Cedraz, com a seguinte proposta:

a) arquivar os presentes autos, sem cancelamento do débito (no valor histórico de R\$ 8.129,30), a cujo pagamento continuará obrigado o devedor, para que lhe seja dada quitação, nos termos do art. 213 do Regimento Interno – TCU;

b) remeter cópia integral da deliberação (relatório, voto e acórdão) que o Tribunal vier a adotar aos seguintes órgãos:

b.1) Fundo Nacional de Saúde;

b.2) Departamento Nacional de Auditoria do SUS;

b.3) Secretaria Federal de Controle Interno da Controladoria-Geral da União; e

b.4) Tribunal de Contas do Estado do Amapá, para as providências julgadas cabíveis, considerando que foram verificadas as seguintes ocorrências na execução do Convênio 1629/2002 (Siafi 456206), celebrado entre o Ministério da Saúde e a Prefeitura Municipal de Santana/AP, para a aquisição de unidade móvel de saúde:

- falta de transferência da unidade móvel adquirida no âmbito do aludido convênio (chassi 93ZC3570128306901) para a propriedade da prefeitura, encontrando-se a UMS no nome da fornecedora, empresa Santa Maria Comércio e Representação Ltda., segundo pesquisa efetuada ao Departamento Nacional de Trânsito, em 12/3/2013;

- não comprovação da aplicação da contrapartida pactuada no objeto conveniado; e

- indícios de que a UMS (chassi 93ZC3570128306901) já se encontrava em situação precária, após um ano de sua aquisição.

Selog, 15/4/2013

*(assinado eletronicamente)*

**MARIA CÉLIA SILVA VIANA**

AUFC, Matr. 6508-0

## GLOSSÁRIO

- **Ambulância tipo A:** destinada ao transporte de pacientes sem risco de vida, remoções simples e caráter eletivo;
- **Ambulância Tipo B:** destinada ao suporte básico, transporte inter-hospitalar de pacientes com risco de vida, sem necessidade de intervenção médica local;
- **Ambulância Tipo C:** destinada ao Resgate, atendimento de vítimas de acidentes, com equipamentos de salvamento;
- **Ambulância Tipo D:** destinada a ser unidade de suporte avançado, popularmente conhecida como UTI móvel;
- **Contrapartida extra:** recursos empregados pelo conveniente na compra da unidade móvel de saúde, além daqueles pactuados no Termo do Convênio;
- **CPMI:** Comissão Parlamentar Mista de Inquérito;
- **Critério:** legislação, norma, jurisprudência ou entendimento doutrinário que fundamenta a irregularidade;
- **Equipamentos:** são integrantes do veículo transformado. Os equipamentos de maior valor foram colocados em um componente específico, possibilitando compor a estimativa de valor por meio dos valores individuais de mercado de cada um desses equipamentos;
- **Evidência:** elementos ou provas que comprovam a irregularidade apontada;
- **Objeto:** são os documentos nos quais o achado foi identificado, como o contrato, o edital ou o projeto básico;
- **Transformação:** refere-se ao serviço de transformação necessário para se adaptar um veículo base em uma Unidade Móvel de Saúde, incluindo todos os elementos usualmente fornecidos pelas empresas de transformação, com exceção de alguns equipamentos específicos (em geral de maior valor) que, de acordo com a metodologia adotada, são considerados como integrantes do componente “Equipamentos”;
- **UMS:** Unidades Móveis de Saúde são unidades instaladas em veículos que visam à promoção à saúde ou à prevenção de doenças;